

## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ALDEIA INDÍGENA KA'APOR (ZÉ GURUPI): SENSIBILIZAÇÃO E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS**

**DAVI SOUSA DE SOUSA**

[davisousa10zd@gmail.com](mailto:davisousa10zd@gmail.com)

Estudante de Licenciatura em Geografia - Centro Universitário Única - Uniúnica - Ipatinga, Minas Gerais (Brasil)

**LIEIDE VIDAL DE LIMA**

[lieidelopes89@gmail.com](mailto:lieidelopes89@gmail.com)

Estudante de Pedagogia - Centro Universitário Única - Uniúnica - Ipatinga, Minas Gerais (Brasil)

**RONALD ASSIS FONSECA**

[Ronald.ufv@hotmail.com](mailto:Ronald.ufv@hotmail.com)

Doutor em Ciência Florestal  
Professor e Coordenador de Pesquisa - Centro Universitário Única - Uniúnica - Ipatinga, Minas Gerais (Brasil)

**CLÉLIO RODRIGO PAIVA RAFAEL**

[Clelio\\_rodrigo10@hotmail.com](mailto:Clelio_rodrigo10@hotmail.com)

Doutorando em Manejo de Solo e Água Professor e Coordenador de Pesquisa - Centro Universitário Única - Uniúnica - Ipatinga, Minas Gerais (Brasil)

**FRANCIEL REX**

[franielrexx@gmail.com](mailto:franielrexx@gmail.com)

Doutor em Engenharia Florestal  
Orientador de Iniciação Científica Professor e Coordenador de Pesquisa - Centro Universitário Única - Uniúnica - Ipatinga, Minas Gerais (Brasil)

### **Resumo**

Este artigo relata e analisa uma experiência de Educação Ambiental desenvolvida na aldeia indígena Ka'apor Zé Gurupi, no Maranhão, Brasil, com estudantes do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), professores e lideranças comunitárias. A atividade teve como objetivo promover sensibilização ambiental e estimular práticas sustentáveis vinculadas ao território, à escola e à vida comunitária. O estudo caracteriza-se como relato de experiência, de abordagem qualitativa, sistematizado a partir de registros fotográficos, audiovisuais e anotações de campo. A intervenção foi organizada em três momentos: aula expositiva-dialogada e prática de plantio de sementes de açaí e outras espécies; caminhada diagnóstica pela aldeia para observação das condições ambientais; e palestra com lideranças seguida de mutirão de coleta de resíduos. Os resultados indicaram que as atividades favoreceram a aproximação entre conteúdos escolares, saberes locais e práticas concretas de cuidado com o território. A presença do cacique e de lideranças reforçou a dimensão coletiva, política e cultural da ação. A experiência também evidenciou que os resíduos sólidos presentes em territórios indígenas não podem ser compreendidos apenas como problema comportamental, mas como expressão de processos mais amplos de consumo, colonialidade,



pressão territorial e inserção desigual de produtos industrializados nas aldeias. Conclui-se que práticas pontuais de Educação Ambiental são relevantes, mas precisam ser articuladas a ações contínuas, interculturais e territorializadas, capazes de fortalecer a autonomia comunitária, a proteção da floresta e a responsabilidade coletiva.

### Palavras-chave

Educação Ambiental, Povos Indígenas, Território, Resíduos Sólidos, Interculturalidade.

### Abstract

This article describes and analyses an environmental education initiative carried out in the Ka'apor indigenous village of Zé Gurupi, in Maranhão, Brazil, involving primary school pupils, students in Adult and Youth Education (EJA), teachers and community leaders. The activity aimed to promote environmental awareness and encourage sustainable practices linked to the local area, the school and community life. The study is characterised as an experience report, using a qualitative approach, systematised on the basis of photographic and audiovisual records and field notes. The intervention was organised into three stages: a lecture-discussion session combined with the practical activity of planting açáí seeds and other species; a diagnostic walk through the village to observe environmental conditions; and a talk with community leaders followed by a collective waste collection effort. The results indicated that the activities fostered a connection between school curriculum, local knowledge and concrete practices of caring for the territory. The presence of the chief and community leaders reinforced the collective, political and cultural dimensions of the initiative. The experience also highlighted that solid waste in indigenous territories cannot be understood merely as a behavioural problem, but as an expression of broader processes of consumption, coloniality, territorial pressure and the unequal introduction of industrialised products into the villages. It is concluded that one-off environmental education initiatives are relevant, but need to be linked to ongoing, intercultural and locally-rooted actions capable of strengthening community autonomy, forest protection and collective responsibility.

### Keywords

Environmental Education, Indigenous Peoples, Territory, Solid Waste, Interculturality.

### Como citar este artigo

Sousa, Davi Sousa de, Lima, Lieide Vidal de, Fonseca, Ronald Assis, Rafael, Clélio Rodrigo Paiva & Rex, Franciel (2026). Educação Ambiental na Aldeia Indígena Ka'apor (Zé Gurupi): Sensibilização e Práticas Sustentáveis. *Janus.net, e-journal of international relations* VOL. 17 Nº. 1, DT 2 – Dossiê Temático – Educação Ambiental, democracia e participação social no enfrentamento da crise civilizatória provocada pelas mudanças climáticas globais, Julho 2026, pp. 153-168. DOI <https://doi.org/10.26619/1647-7251.DT0526.9>

**Artigo submetido em 5 de janeiro de 2026 e aceite para publicação em 10 de maio de 2026.**





## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ALDEIA INDÍGENA KA'APOR (ZÉ GURUPI): SENSIBILIZAÇÃO E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS**

**DAVI SOUSA DE SOUSA**

**LIEIDE VIDAL DE LIMA**

**RONALD ASSIS FONSECA**

**CLÉLIO RODRIGO PAIVA RAFAEL**

**FRANCIEL REX**

### **Introdução**

Diante da crise socioambiental contemporânea, os povos indígenas têm vivenciado impactos intensos decorrentes do desmatamento, das invasões territoriais, da introdução de resíduos e das mudanças nos padrões de consumo. Esses processos afetam diretamente comunidades cuja relação histórica com a terra e com a floresta constitui base material, cultural, espiritual e política de existência (COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, 2023). Nesse cenário, a Educação Ambiental (EA) assume papel formativo importante, desde que não seja reduzida à transmissão de condutas individuais consideradas sustentáveis, mas compreendida como prática crítica, situada e vinculada às disputas territoriais, à justiça socioambiental e à defesa dos modos de vida comunitários (ARAÚJO et al., 2013; OLIVEIRA; BARBA; SIMÃO, 2025).

A EA em territórios indígenas exige uma leitura que ultrapasse abordagens comportamentais. Problemas como acúmulo de resíduos, alteração dos hábitos alimentares, pressão sobre áreas de floresta e presença crescente de produtos industrializados não podem ser analisados apenas como falta de conscientização. Eles expressam a inserção desigual das comunidades indígenas em circuitos econômicos externos, marcados pela dependência de mercadorias, pela ausência de infraestrutura pública adequada e pela transferência dos impactos ambientais para os próprios territórios. Por isso, a EA precisa problematizar as relações entre colonialidade,



capitalismo, racismo ambiental, consumo e perda de autonomia territorial (COSTA; LOUREIRO, 2024; PROSDOCIMO; MORAES; ROSA, 2025).

A incorporação de autores indígenas amplia essa fundamentação, pois desloca o debate ambiental de uma visão externa sobre os povos originários para a escuta de suas próprias formulações políticas, cosmológicas e pedagógicas. Baniwa (2019) compreende a educação escolar indígena como campo de disputa e defende uma escola intercultural, bilíngue, diferenciada e vinculada aos projetos coletivos dos povos indígenas. Krenak (2019), critica a separação moderna entre humanidade e natureza, mostrando que essa ruptura sustenta modos predatórios de desenvolvimento. Kopenawa e Albert (2015), por sua vez, associam a devastação da floresta ao avanço de uma economia de mercadorias que transforma a terra em objeto de exploração.

No campo da educação escolar indígena, estudos no Brasil têm mostrado que não há uma relação automática e harmoniosa entre comunidades indígenas e meio ambiente. Pesquisa realizada na aldeia Kariri-Xocó, em Alagoas, identificou processos de degradação em espaços sagrados e de uso coletivo, com práticas insustentáveis relacionadas ao lixo, ao uso dos recursos naturais e à pressão sobre áreas de floresta (SANTOS, 2020). De modo semelhante, investigação com o povo Paiter Suruí, na Terra Indígena Sete de Setembro (RO/MT), relacionou o aumento do consumo de produtos industrializados ao acúmulo de resíduos sólidos e aos impactos sobre saúde, cultura e integridade territorial (OLIVEIRA; BARBA; SIMÃO, 2025).

Ao mesmo tempo, experiências de EA em aldeias indígenas mostram o potencial de intervenções pedagógicas contextualizadas, construídas a partir do território e dos saberes locais. Araújo et al. (2013) defendem que a Educação Ambiental em sociedades indígenas brasileiras precisa superar a abordagem restrita à escola e dialogar com políticas públicas, autodeterminação étnica e gestão territorial. Nesse sentido, experiências como a ação "Do solo à bioconstrução", desenvolvida na aldeia Itapoã Tupinambá de Olivença (BA), apontam que atividades práticas, articulando EJA, oficinas comunitárias e conhecimentos tradicionais, podem fortalecer vínculos entre saber técnico-científico, território e participação comunitária (SANTOS; COSTA, 2020).

A aldeia Zé Gurupi, do povo Ka'apor, localizada no Maranhão, compartilha essa realidade de tensão entre permanência cultural, pressão externa sobre o território e desafios ambientais cotidianos. A antiga aldeia Urutawirenda, renomeada em homenagem ao senhor Zé Gurupi na década de 1980, reúne atualmente cerca de 30 famílias e 116 pessoas, entre crianças, adultos, idosos e gestantes. A comunidade mantém forte vínculo com a floresta como base de vida, mas enfrenta problemas relacionados à gestão de resíduos e à conservação de áreas de uso comum. Esse contexto torna relevante o desenvolvimento de ações educativas que articulem história, identidade, território e práticas sustentáveis.

Neste cenário, o presente artigo tem como objetivo relatar e analisar uma experiência de Educação Ambiental desenvolvida na aldeia indígena Ka'apor Zé Gurupi, no Maranhão, centrada em atividades de sensibilização ambiental e práticas sustentáveis com estudantes do Ensino Fundamental e da EJA, em diálogo com lideranças locais. A



intervenção integrou aula teórica, prática de plantio de mudas, caminhada diagnóstica pela aldeia e mutirão de coleta de lixo, articulando escola, cacique e comunidade.

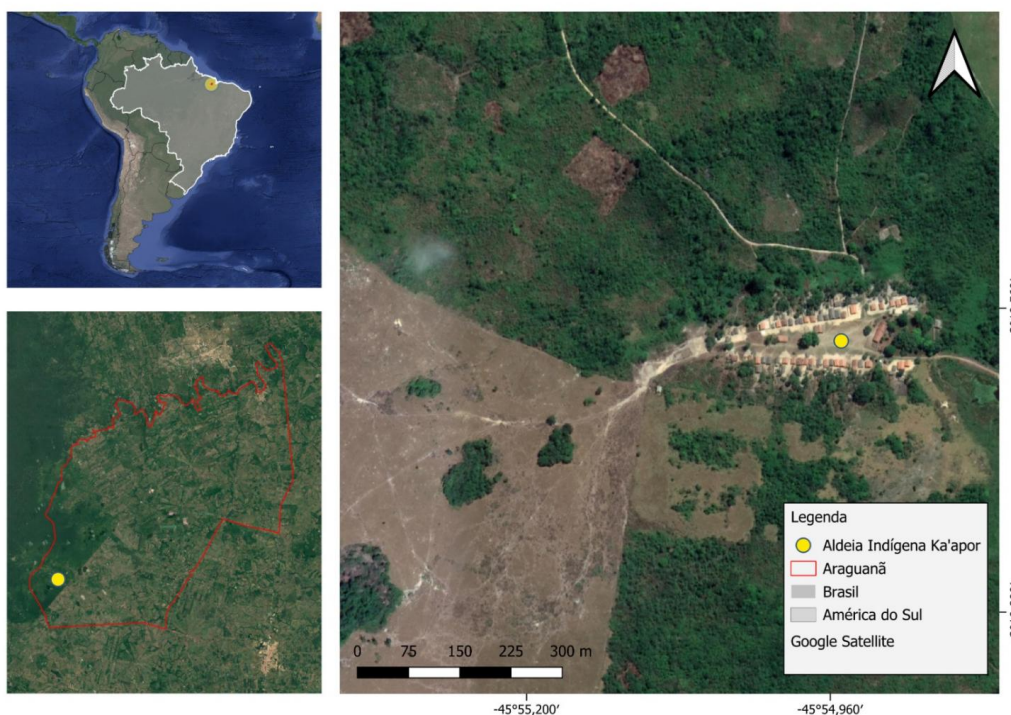
## Metodologia

Este estudo caracteriza-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, decorrente de uma estratégia diversificada de EA realizada na Aldeia Indígena Ka'apor, conhecida atualmente como aldeia Zé Gurupi, localizada no estado do Maranhão, Brasil. A ação teve como foco a sensibilização ambiental e o estímulo a práticas sustentáveis, articulando escola, comunidade e lideranças tradicionais.

## Contexto histórico e caracterização da aldeia

A aldeia hoje denominada Zé Gurupi recebeu, inicialmente, o nome de Urutawirenda, como era chamada por seus primeiros moradores. Entre esses moradores pioneiros destacam-se Kanamyha Ka'apor e Lourival Ka'apor, que, juntamente com algumas famílias, constituíram o núcleo original da aldeia Urutawirenda. Parte das famílias vivia nessa aldeia e outra parte residia em uma aldeia próxima, identificada como aldeia do senhor Zé Gurupi, situada nas imediações de uma localidade conhecida como Camaleão.

**Figura 1.** Localização da Aldeia



Fonte: Os autores, 2025



Com o passar do tempo, as famílias que moravam junto ao senhor Zé Gurupi, nessa aldeia próxima, migraram para o local onde hoje se encontra a aldeia Zé Gurupi. Nesse período, o território continuava a ser conhecido pelo nome de Urutawirenda. Entre os anos de 1980 e 1985, com o falecimento do senhor Zé Gurupi, que teve três esposas e dois filhos, a comunidade decidiu renomear a aldeia, passando de Urutawirenda para aldeia Zé Gurupi, como forma de homenagem à sua liderança. A única filha viva do senhor Zé Gurupi é Rosary Ka'apor, atualmente residente na aldeia Kamuxirenda.

Ao longo dos anos, a aldeia Zé Gurupi cresceu, recebendo moradores de outras aldeias e também vivenciando a saída de algumas famílias. Em determinado momento, a aldeia chegou a reunir aproximadamente 250 indígenas. Posteriormente, em função de estratégias de proteção territorial e de cuidado com a natureza, o território foi sendo subdividido em diversas aldeias, permitindo maior controle das áreas de floresta e dificultando a entrada de pessoas não autorizadas e de agentes de desmatamento.

Atualmente, a aldeia Zé Gurupi tem como cacique Sessin Ka'apor e como lideranças Tapirã Ka'apor e Deusilene Ka'apor. A comunidade é composta por 30 famílias, totalizando 116 pessoas, das quais 57 são do sexo masculino e 59 do sexo feminino. Entre esses moradores, há 14 crianças menores de 5 anos, 7 idosos e 3 gestantes. Apesar das dificuldades e adversidades enfrentadas, o povo Ka'apor permanece com forte vínculo com a natureza e compromisso com a preservação de sua cultura e de seu território, mantendo uma relação de resistência e cuidado com a floresta, entendida como "mãe" e base do bem-estar coletivo.

### **Participantes da ação educativa**

As atividades de EA foram desenvolvidas no contexto escolar da aldeia Zé Gurupi, envolvendo estudantes do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Participaram diretamente 50 estudantes, além de professores da comunidade, do cacique Sessin Ka'apor e de outras lideranças locais. A participação deu-se de forma coletiva, inserida na rotina escolar e comunitária, sem procedimento de amostragem probabilística, incluindo todos os estudantes presentes nas datas das atividades.

### **Delineamento da intervenção**

A intervenção foi planejada e executada por professores e lideranças comunitárias, organizada em três momentos complementares, distribuídos em dois dias de atividades:

1) **Aula teórica e prática de plantio:** No primeiro momento, os professores conduziram uma aula expositiva-dialogada sobre preservação ambiental, abordando a importância da proteção de florestas, rios e biodiversidade, com enfoque na responsabilidade das atuais gerações em relação ao futuro da aldeia. Em seguida, foi realizada uma atividade prática de plantio, na qual os 50 estudantes do Ensino Fundamental e do EJA trouxeram saquinhos com terra e participaram do plantio de sementes de açaí e de outras espécies



de interesse da comunidade. Durante o plantio, foram apresentadas orientações básicas sobre preparo do solo, cuidados iniciais com as mudas e relevância ecológica das espécies trabalhadas.

2) **Caminhada diagnóstica na aldeia:** Após a aula inicial, foi organizada uma caminhada pela aldeia, envolvendo estudantes, professores e lideranças. O objetivo foi observar as condições ambientais locais, com atenção especial à presença de resíduos sólidos, ao estado de conservação da vegetação e às condições dos espaços de uso coletivo. Ao longo do percurso, foram realizadas pausas para diálogo, nas quais os participantes eram convidados a relatar percepções sobre lixo, organização dos espaços, uso dos recursos naturais e responsabilidades individuais e coletivas na preservação do território. Esse momento configurou-se como um diagnóstico participativo, estimulando a reflexão crítica sobre práticas cotidianas e sobre a gestão de resíduos na aldeia.

3) **Palestra com lideranças e mutirão de coleta de lixo:** Em data posterior, foi realizada nova reunião com a comunidade escolar e lideranças, contando com a presença do cacique Sessin Ka'apor. Nesse encontro, o cacique e demais lideranças reforçaram, em suas falas, a importância de manter a aldeia limpa, evitar a poluição de áreas comuns e fortalecer o cuidado com a "mãe floresta". Após a palestra, organizou-se um mutirão de coleta de resíduos, envolvendo estudantes, professores e lideranças. Os participantes percorreram diferentes pontos da aldeia recolhendo lixo presente em áreas de circulação, espaços comunitários e arredores de residências, com posterior acondicionamento adequado dos resíduos. Esse momento buscou articular o conteúdo discutido anteriormente com uma ação concreta de melhoria das condições ambientais locais.

## **Registros e sistematização das informações**

As ações foram documentadas por meio de registros fotográficos e audiovisuais, produzidos durante as aulas, a caminhada diagnóstica e o mutirão de limpeza. Professores e lideranças também realizaram anotações de campo sobre a participação dos estudantes, as falas das lideranças e as percepções manifestadas ao longo das atividades.

Para a elaboração deste artigo, os registros foram revisados e organizados em eixos descritivos relacionados a: processos de sensibilização ambiental, práticas sustentáveis estimuladas (plantio de árvores e manejo de resíduos) e participação comunitária e fortalecimento do senso de responsabilidade coletiva. A análise tem caráter descritivo, preservando o anonimato individual dos participantes e respeitando os acordos estabelecidos com a comunidade, bem como o caráter pedagógico da intervenção desenvolvida na aldeia Zé Gurupi.

## **Resultados**

A intervenção em EA na aldeia Zé Gurupi envolveu diretamente 50 estudantes do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos, além de professores, do cacique Sessin



Ka'apor e de outras lideranças comunitárias. Os registros fotográficos e audiovisuais, aliados às anotações de campo, mostram que as três etapas planejadas foram efetivamente realizadas e contaram com participação contínua dos sujeitos envolvidos. As atividades permitiram articular momentos de estudo em sala de aula com ações práticas no território da aldeia, em consonância com o objetivo de promover sensibilização ambiental e práticas sustentáveis no cotidiano da comunidade.

No primeiro momento, a aula expositiva-dialogada sobre preservação ambiental (Figura 2) criou um espaço de escuta e de troca de experiências sobre florestas, rios e biodiversidade. A sequência imediata com a prática de plantio favoreceu a apropriação concreta dos conteúdos discutidos, à medida que os estudantes prepararam saquinhos com terra e realizaram o plantio de sementes de açaí e de outras espécies de interesse da comunidade (Figura 3). Os registros indicam que o plantio funcionou como um eixo mobilizador, permitindo que os alunos visualizassem, na prática, o potencial de recuperação e cuidado com a vegetação local a partir de ações simples, realizadas em conjunto.

**Figura 2.** Aula expositiva dialogada



Fonte: Os autores, 2025



**Figura 3.** Plantio de mudas de açaí.



Fonte: Os autores, 2025

A caminhada diagnóstica (Figura 4) pela aldeia contribuiu para ampliar o olhar dos estudantes sobre o espaço em que vivem. Durante o percurso, foram identificados pontos com presença de resíduos sólidos e áreas com maior ou menor cuidado em relação à vegetação e aos espaços de uso coletivo. As pausas para diálogo possibilitaram que os participantes relacionassem essas observações às discussões feitas em sala, refletindo sobre formas de descarte, organização dos ambientes e responsabilidades individuais e coletivas na preservação do território. Esse momento consolidou a dimensão de diagnóstico participativo da intervenção, aproximando a análise das condições ambientais da experiência cotidiana dos moradores.



**Figura 4.** Caminhada pela aldeia



Fonte: Os autores, 2025

Na etapa seguinte, a palestra conduzida pelo cacique Sessin Ka'apor (Figura 6) e por outras lideranças reforçou, em linguagem própria da comunidade, a importância de manter a aldeia limpa e de proteger a "mãe floresta" como fundamento da vida e da cultura Ka'apor. Em seguida, o mutirão de coleta de lixo materializou as orientações da palestra em uma ação concreta de cuidado com o espaço comum. Estudantes, professores e lideranças percorreram diferentes áreas da aldeia recolhendo resíduos espalhados, o que resultou na limpeza de locais de circulação e de convivência comunitária. A participação conjunta de crianças, jovens e adultos conferiu caráter coletivo à atividade e deu visibilidade à ideia de que a responsabilidade ambiental é compartilhada.



**Figura 5.** Palestra conduzida cacique Sessin Ka'apor



Fonte: Os autores, 2025

Os registros fotográficos e audiovisuais das três etapas, somados às anotações de campo, evidenciam que a intervenção favoreceu processos de sensibilização ambiental, práticas sustentáveis e fortalecimento da participação comunitária. O plantio de sementes, a identificação de pontos de acúmulo de resíduos e a realização do mutirão de limpeza funcionaram como experiências que aproximaram teoria e prática, ajudando os estudantes a compreender o vínculo entre suas ações diárias e a conservação do ambiente da aldeia. Ao mesmo tempo, a presença ativa das lideranças na palestra e nas atividades coletivas contribuiu para reforçar o sentimento de pertencimento e de responsabilidade compartilhada pela preservação do território Ka'apor.



## Discussão

A estratégia diversificada de educação ambiental na aldeia Zé Gurupi mostra que a articulação entre escola, lideranças e território, por meio de atividades como aula teórica, plantio, caminhada diagnóstica e mutirão, responde a um conjunto de desafios apontados na literatura sobre EA em contextos indígenas. Araújo et al. (2013) destacaram que a EA Indígena no Brasil tem se mantido fortemente vinculada à lógica da educação escolar formal, muitas vezes descolada do território e das práticas comunitárias, o que exige uma mudança de paradigma em direção a processos formativos que integrem cultura, autodeterminação étnica e manejo ambiental. Nesse sentido, o desenho metodológico adotado em Zé Gurupi, com atividades realizadas em sala, na aldeia e em espaços de circulação coletiva, aproxima-se da perspectiva de uma Educação Ambiental que ultrapassa o espaço estritamente escolar e incorpora dimensões comunitárias e territoriais (ARAÚJO et al., 2013).

A caminhada diagnóstica e a identificação de pontos de acúmulo de resíduos dialogam com achados de pesquisas que problematizam o mito da “harmonia automática” entre povos indígenas e meio ambiente. Santos (2020) mostra que a aldeia Kariri-Xocó reconhece a falta de cuidado com as matas e a percepção de que a aldeia “não é um espaço limpo”, evidenciando situações de desmatamento e descarte inadequado de resíduos, apesar do discurso de valorização da natureza.

De forma convergente, Oliveira, Barba e Simão (2025) discutem o impacto do lixo na aldeia Paiter Suruí e relacionam o aumento dos resíduos sólidos ao consumo de produtos industrializados, à mudança de hábitos alimentares e à presença crescente de embalagens e materiais descartáveis no cotidiano da comunidade. Esse processo, contudo, não deve ser interpretado apenas como alteração comportamental interna às aldeias. Trata-se de uma expressão concreta de um modelo colonizador, predatório e neoliberal, que insere territórios indígenas em circuitos desiguais de mercado, amplia a dependência de mercadorias e transfere para as comunidades o ônus ambiental do descarte, sem garantir infraestrutura adequada de saneamento, coleta, tratamento e destinação final dos resíduos. Essa leitura se aproxima da EA crítica, pois compreende os conflitos ambientais como parte de processos históricos ligados à colonialidade, ao capitalismo e à exploração da natureza (COSTA; LOUREIRO, 2024).

A presença do lixo, nesse sentido, revela a entrada de uma lógica externa de consumo que tensiona práticas tradicionais, reorganiza hábitos cotidianos e produz novas formas de vulnerabilidade socioambiental. Por isso, a EA em territórios indígenas precisa problematizar não apenas o descarte correto, mas também as relações entre consumo, colonialidade, racismo ambiental, desigualdade, perda de autonomia territorial e fragilização das políticas públicas voltadas às comunidades indígenas (PROSDOCIMO; MORAES; ROSA, 2025). Esse enquadramento evita responsabilizar individualmente os moradores e permite compreender os resíduos como parte de uma crise socioambiental mais ampla, na qual povos indígenas são pressionados por dinâmicas externas de mercado, ao mesmo tempo em que seguem defendendo seus territórios, seus modos de vida e suas formas próprias de relação com a floresta (BANIWA, 2019; KRENAK, 2019; KOPENAWA; ALBERT, 2015).



Os resultados também evidenciam a relevância de práticas pedagógicas que articulam conteúdos escolares e experiências concretas no território, como o plantio de sementes de açaí e outras espécies de interesse da comunidade. A experiência relatada por Santos e Costa (2020) na aldeia Itapoã Tupinambá, ao trabalhar o tema “solo” com uma turma de EJA e culminar em uma oficina de bioconstrução, mostra que atividades práticas, situadas no espaço da aldeia e integrando saberes técnico-científicos e conhecimentos tradicionais, favorecem a apropriação crítica dos conteúdos e reforçam vínculos com o território (Santos e Costa, 2020).

De modo semelhante, em Zé Gurupi, integrar aula expositiva-dialogada, plantio e caminhada diagnóstica opera como um elo entre a EA formal e as práticas cotidianas da comunidade, aproximando-se da ideia de uma teia de relações sociais, culturais e naturais que sustenta processos de EA popular em aldeias indígenas.

Outro ponto importante dos resultados é o papel das lideranças na condução e legitimação da intervenção. Em Kariri-Xocó, Santos (2020) enfatiza a importância do cacique, do pajé e de contadores de histórias na mediação de novas práticas educacionais, apontando que a EAI escolar só ganha densidade quando dialoga com esses sujeitos e com as formas próprias de organização da comunidade. Na pesquisa com o povo Paiter Suruí, Oliveira, Barba e Simão (2025) também vinculam a EA escolar indígena à defesa do território e à luta por justiça ambiental, considerando a escola como espaço formativo com forte dimensão política.

A presença do cacique Sessin Ka'apor e de outras lideranças em todas as etapas da intervenção em Zé Gurupi, especialmente na palestra e no mutirão de coleta de lixo, reforça essa leitura: a sensibilização ambiental não é apenas um processo pedagógico, mas também um movimento de afirmação política e cultural, em que o cuidado com a floresta é reafirmado como princípio organizador da vida coletiva.

A leitura da experiência de Zé Gurupi também ganha maior densidade quando articulada às formulações de intelectuais indígenas brasileiros. Krenak (2019) questiona a ideia de humanidade separada da Terra e ajuda a compreender que o cuidado ambiental, para povos indígenas, não se limita à conservação de recursos, mas envolve modos de existência e vínculos espirituais, afetivos e políticos com rios, florestas, animais e territórios. Kopenawa e Albert (2015) evidenciam que a devastação da floresta resulta do avanço de uma economia de mercadorias que transforma a terra em objeto de exploração, ameaçando simultaneamente a vida material, a cosmologia e a continuidade dos povos. Baniwa (2019) contribui ao mostrar que a educação escolar indígena precisa romper com heranças integracionistas e assimilacionistas, assumindo caráter intercultural, comunitário e territorializado. Assim, a ação realizada na aldeia Zé Gurupi não deve ser lida apenas como atividade de limpeza e plantio, mas como prática pedagógica situada, capaz de articular escola, território, memória, liderança e proteção da floresta.

Essa leitura reforça que a EA em aldeias indígenas deve ser compreendida como processo político-pedagógico e não como intervenção pontual de correção de hábitos. A atividade realizada em Zé Gurupi aproxima-se de uma EA crítica quando transforma a aldeia em



espaço de leitura do mundo, permitindo que os estudantes observem o território, identifiquem problemas ambientais, escutem as lideranças e participem de ações coletivas. No entanto, para evitar superficialidade, é necessário explicitar que problemas como lixo, desmatamento, poluição e mudança nos hábitos alimentares não surgem isoladamente. Eles se relacionam à expansão de mercados, à fragilização de políticas públicas, à pressão sobre territórios indígenas e à imposição histórica de modelos de desenvolvimento que desorganizam formas próprias de vida. Nessa perspectiva, a escola indígena pode assumir papel estratégico ao articular conhecimentos científicos, saberes comunitários e reflexão crítica sobre as estruturas que produzem a degradação ambiental.

Ao mesmo tempo, as evidências sugerem que ações pontuais, embora relevantes, não são suficientes para alterar estruturalmente práticas de consumo, manejo de resíduos e relação com o território. Araújo et al. (2013) argumentam que a EA indígena precisa ser concebida em consonância com políticas públicas, marcos legais e iniciativas que garantam condições materiais, formação adequada de professores e continuidade das práticas educativas.

Em linha com essa perspectiva, Santos (2020) e Oliveira, Barba e Simão (2025) indicam que projetos e oficinas de EAI em aldeias indígenas ganham força quando fazem parte de processos educativos mais amplos, de caráter continuado e intergeracional. Nessa chave, os resultados obtidos em Zé Gurupi podem ser lidos como um passo inicial: a intervenção demonstrou potencial para mobilizar estudantes e lideranças, fortalecer o sentimento de responsabilidade coletiva e gerar melhorias imediatas na limpeza da aldeia, mas também aponta para a necessidade de instituir ações recorrentes de EA, integradas ao calendário escolar e comunitário, ancoradas na história, na organização social e nas estratégias de proteção territorial do povo Ka'apor.

### **Considerações finais**

A experiência de Educação Ambiental na aldeia Ka'apor Zé Gurupi mostrou que um conjunto de ações simples (aula expositiva, plantio de mudas, caminhada diagnóstica e mutirão de limpeza) é capaz de sensibilizar estudantes e fortalecer práticas de cuidado com o território. A articulação entre escola, lideranças e comunidade aproximou conteúdos de preservação ambiental da realidade concreta da aldeia, em sintonia com a proposta de uma EA crítica e territorializada.

Os resultados sugerem que também em contextos indígenas há problemas de acúmulo de resíduos e pressão sobre áreas de uso coletivo, como já descrito para outras aldeias brasileiras (SANTOS, 2020; OLIVEIRA; BARBA; SIMÃO, 2025; COMISSÃO PASTORAL DA TERRA, 2023). Nesse cenário, o plantio de árvores e o mutirão de coleta de lixo funcionaram como práticas pedagógicas que aproximam teoria e ação, à semelhança de outras experiências que integram saberes técnico-científicos e conhecimentos tradicionais em atividades de campo e oficinas comunitárias (SANTOS; COSTA, 2020).



Como passo seguinte, destaca-se a necessidade de transformar iniciativas pontuais em ações contínuas, integradas ao calendário escolar e às estratégias de proteção territorial do povo Ka'apor. A experiência demonstrou potencial formativo, mas sua continuidade depende de planejamento coletivo, participação das lideranças, diálogo intercultural e condições materiais para enfrentar problemas como descarte de resíduos, consumo de produtos industrializados e conservação dos espaços comunitários. Desse modo, a EA na aldeia Zé Gurupi deve ser compreendida não apenas como prática de sensibilização, mas como processo pedagógico, político e territorial, voltado ao fortalecimento da autonomia comunitária, da memória coletiva e do cuidado com a floresta.

## Referências

Araújo, Fábio Xavier Sousa de; Santos, Erick Silva dos; Esteves, Luciana Uchôa; Silva, Taline de Lima (2013). Educação ambiental nas sociedades indígenas brasileiras: uma breve análise. *Holos*, v. 5, p. 282-292.

Baniwa, Gersem José dos Santos Luciano (2019). *Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos*. Rio de Janeiro: Mórula; LACED/Museu Nacional.

Comissão Pastoral da Terra (2023). *Conflitos no campo Brasil 2022*. Goiânia: CPT Nacional.

Costa, César Augusto; Loureiro, Carlos Frederico Bernardo (2026). Educação Ambiental crítica e conflitos ambientais: reflexões à luz da América Latina. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 22, p. 1-25, 2024. DOI: <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2024v22e59508>. [Acesso em: 15 maio 2026].

De Macedo, Luciano Mesquita et al (2024). Impacto d usinas nucleares às tartarugas marinhas e estratégias d Educação Ambiental para sensibilização. *Aracê*, v. 6, n. 4, p. 18017-18032.

Fonseca, Ronald Assis; Lima, Kíssila França (2020). *Reflexões e práticas sobre educação ambiental*. Pimenta Cultural.

Kopenawa, Davi; Albert, Bruce (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras.

Krenak, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Oliveira, Keila Ferreira de; Barba, Clarides Henrich de; Simão, Berenice Perpetua (2025). Educação ambiental na educação escolar indígena: o impacto do lixo na aldeia indígena Paiter Suruí. *Revista Sergipana de Educação Ambiental*, v. 13, n. 1, p. 1-19.

Oliveira, Keila Ferreira de; Barba, Clarides Henrich de; Simão, Berenice Perpetua (2025). Educação ambiental na educação escolar indígena: o impacto do lixo na aldeia indígena Paiter Suruí. *Revista Sergipana de Educação Ambiental*, São Cristóvão, v. 12, n. 1, p. 1-19, 2025. DOI: <https://doi.org/10.47401/revisea.v13.23406>. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revisea/article/view/23406>. [Acesso em: 15 maio 2026].



---

Prosdocimo, Natacha Souza das Neves; Moraes, João Carlos Pereira de; Rosa, Maria Arlete (2025). A Educação Ambiental e os povos indígenas. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, São Paulo, v. 20, n. 4, p. 164-178, 2025. DOI: <https://doi.org/10.34024/revbea.2025.v20.20440>. [Acesso em: 15 maio 2026].

Rafael, Clélio Rodrigo Paiva et al. (2025). SBN em perspectiva: por que precisamos de um conceito padronizado. *Aracê*, v. 7, n. 9, p. e8553-e8553.

Santos, Sandra Siqueira (2020). Educação ambiental na Aldeia Indígena Kariri-Xocó: perspectivas de sustentabilidade socioambiental. *Revista Psicologia & Saberes*, v. 9, n. 16, p. 54-75.

Santos, Vanessa Rodrigues dos; Costa, Silvia Kimo (2020). Do solo à bioconstrução: uma ação de educação ambiental na aldeia indígena Itapoã Tupinambá de Olivença, Ilhéus, BA / From soil to bioarchitecture: an environmental education action in Itapoã Tupinambá indigenous village of Olivença, Ilhéus, BA. *Revista Educação Ambiental em Ação*, n. 72, p. 1-15. Disponível em: <http://www.revistaeea.org/artigo.php?idartigo=4026>. [Acesso em: 09 dez. 2025].